A teoria do dois litro...

CARLOS M. M. DA SILVA CORRÊA*

O PROBLEMA

Desde há alguns anos que aqui e ali, pontualmente, alguns colegas do ensino secundário defendiam a teoria de que se devia dizer «dois litro» em vez de «dois litros», «duas mole» em vez de «duas moles» e assim sucessivamente. A justificação que davam para o insólito facto era a de que «dois litro» significava «duas vezes a unidade litro»...

Tínhamos assim uma mistura incrível entre nomenclatura e língua portuguesa!

Nunca pensei que fosse necessário algum dia escrever sobre um assunto tão incrível como este, mas a moda parece que vai proliferando... e, muito mais grave ainda, parece querer oficializar-se a nível dos programas do ensino secundário. Existe pelo menos um livro de Física que faz uma «tradução livre» de algumas recomendações ISO sobre grandezas e respectivos símbolos, onde se diz que «as unidades não se escrevem no plural...», dando-se os seguintes exemplos:

Dois metros = 2 ms → errado

Dois metros = 2m → certo

acrescentando-se

«2 m deve ler-se: dois metro, porque equivale a indicar a operação dois vezes 1 m». Note-se que, afinal, se escreveu acima *dois metros* e se afirma abaixo que se deve ler *dois metro*!

Nos novos programas dos 10.^o-12.^o anos do ensino secundário usa-se repetidamente a expressão «expresso em mole» em vez de «expresso em moles», o que parece obedecer à mesma filosofia da **Teoria do dois litro**.

AS CAUSAS

É evidente que toda esta incrível confusão resulta do facto dos símbolos

das unidades não serem escritos no plural (2 cm e não 2 cms, como é por todos conhecido).

Invocam-se argumentos de autoridade para justificar a Teoria do dois litro (certos professores universitários do passado, que não admitiam que nenhum aluno referisse as unidades no plural: «se o aluno referia a unidade no plural, mandava-o sentar, REPROVA-DO.»).

Estes argumentos não têm qualquer valor, na medida em que se poderiam citar opiniões contrárias de pessoas muito competentes.

Que me conste, essas ideias nunca foram propostas pelos referidos professores e aprovadas em reuniões de físicos e químicos nacionais ou internacionais. Nunca passaram de meras opiniões, para uso caseiro.

NORMAS E RECOMENDAÇÕES INTERNACIONAIS

É um facto indesmentível que não existe qualquer regra de nomenclatura ou recomendação internacional (CGPM, BIPM, ISO, CEI, IUPAP ou IUPAC) que proíba a escrita dos nomes das unidades no plural. Assim,

a) a pág. 41 do livro «Sistema Internacional de Unidades (SI) — Grandezas e Unidades Físicas», da autoria de Guilherme de Almeida, Plátano Editora, de 1989, o assunto fica claríssimo:

Os nomes das unidades aditem plural.

Em conformidade, distingue o que considera correcto e incorrecto:

Correcto

Incorrecto

2 miliampères

2 miliampere

5,2 metros por segundo *5,2 metrô por segundo*

Utiliza o plural a partir de dois (inclusivê), de acordo com o BIPM,

1,99 joule
0,47 metrô

1,99 joules
0,47 metros

Que diriam aqueles professores catedráticos a este livro, recomendado pela Sociedade Portuguesa de Física?

Na mesma página, refere aquilo que todos sabemos e cumprimos (fonte de confusão de alguns...): a invariabilidade dos símbolos, mesmo que se refiram ao plural.

b) A leitura das normas da IUPAC relativas a símbolos e terminologia para grandezas físico-químicas e unidades (1979), não deixa dúvidas de que a Teoria do dois litro é um tremendo disparate. Lá está, na pág. 16, cap. 3.1, a mesma regra de invariabilidade dos símbolos (mas não dos nomes das grandezas).

Vale a pena voltar a página para ver, no número 3.6, uma série de citações com os nomes das unidades (não os símbolos) repetidamente escritos no plural:

101 325 newtons per square meter
236.04 grams
192.97 kilocoulombs
548.60 micrograms
39.90 kilojoules

embora não esteja claro qual o critério de «plural» (1 ou 2):

2 x 10⁻⁷ newton
0.012 kilogram

[Parando um pouco para meditar, não acham que seria tremendamente estranho que os membros da Comissão da IUPAC, se pretendessem que o mesmo princípio da invariabilidade dos símbolos se estendesse aos nomes das grandezas fossem, eles mesmos, escrever estas «monstruosidades»?]

c) O resumo da IUPAC (1978) publicado em 1992 no *Chem. Eng. News*, continua a não deixar dúvidas sobre este assunto:

2 moles of N_2 (o símbolo da mole é mol)

1.5 moles of H_2Cl_2

6.022 x 10^{23} electrons.

Note-se que, para a IUPAC, o «plural» corresponde a um número > 1.

d) A Norma Portuguesa 172, de 1986, no ponto 5.4 (recomendações para a escrita e emprego dos símbolos das unidades, no n.º 2) refere mais uma vez que «os símbolos das unidades ficam invariáveis no plural», mas nada diz quanto aos nomes das mesmas.

Porque será que algumas pessoas querem ser mais papistas que o Papa?!

OPINIÃO DOS ESPECIALISTAS EM LINGÜÍSTICA

Um mínimo de bom senso aconselhava a que não se atropelasse a língua portuguesa de um modo tão evidente e brutal; não me restavam dúvidas que a *moda do dois litro* era um monstruoso disparate, mas decidi colocar o problema da concordância a professores dos departamentos de linguística das nossas Universidades (na Universidade Clássica de Lisboa parece não existir nenhum, pois não obtive qualquer resposta às minhas solicitações, mesmo quando insisti através do Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras).

Não me sinto autorizado a revelar os nomes dos professores que tiveram a bondade de me enviar pareceres, mas todos foram unânimes em considerar errada a falta de concordância nas expressões «dois segundo», «quatro centímetro» e similares. Um desses colegas diz

«considero um absurdo escrever-se «vinte litro, dois quilómetro»!»

Curiosamente um desses professores apresenta maior sensibilidade física-química do que alguns químicos/físicos e vai direito à questão:

«... falsa analogia entre «3 m» e «três metro»; é evidente que se trata de incorrecção. Pois se «3 m» se justifica, por haver perigo de confusão entre símbolos (havia o risco de alguém interpre-

tar o «s» de «3 ms», não como uma concordância verbal, mas como a indicação de qualquer símbolo com valor nocional), não há qualquer perigo em três metros, e desde logo, não há qualquer razão para atropelarmos a língua».

Outro especialista refere:

«Pertencendo litro, quilómetro, grama (...) à classe dos substantivos, com a qual concorda em número e género a dos adjectivos que naqueles tem o seu ponto de incidência (...), será anormal qualquer sintaxe que não respeite estas concordâncias [por ex. dois tonelada, vinte litro, etc. (...)] porque nem sequer o uso a consagra. A norma portuguesa exige, pois, três metros, vinte litros, dois quilómetros, cento e uma toneladas, etc.

Um outro problema que surge nestes casos é o da utilização de plurais e singulares em relação a grandezas expressas por números decimais. Como se deve ler (e escrever por extenso) 1,5g? Será «um vírgula cinco gramas» ou «um vírgula cinco grama»? Que se passará com 1,1? Deverá escrever-se «um vírgula um grama» ou «um vírgula um gramas»? E em relação a 2,1?

No caso de quantidades menores que a unidade, por exemplo 0,1 g e 0,5 g, como será?

O melhor é darmos a palavra a quem sabe:

«Na tradição da língua portuguesa diz-se quatro horas e meia, uma hora e um quarto, duas horas e três quartos (...) e, com eclipse, quatro e meia, uma e um quarto, (...). Não tem tradição oral quatro e meia horas, três e meio quilos (...).

Quanto às representações de grandezas como 1,1 g, 3,4 kg e 0,2 L acrescenta:

«Um vírgula um, três vírgula quatro, zero vírgula dois constituem leituras lineares e não interpretativas de tais representações, em especial quando se lhes segue a indicação da grandeza, já que esta se reporta ao número que precede a vírgula e não ao que se lhe segue: trata-se, na realidade, de um grama vírgula um, três quilogramas vírgula quatro, zero litros vírgula dois, (...).

Se, todavia, algum motivo extralinguístico houver para ler de forma inteiramente linear representações como as indicadas, julgo dever fazer-se

a concordância entre o nome que designa a grandeza e o numeral que adjectivamente nele tem o seu ponto de incidência e dizer, por conseguinte, um vírgula um grama, três vírgula quatro quilogramas, etc.

Convém notar, a propósito, que, embora zero não seja tradicionalmente um numeral, mas um substantivo que recentemente entrou também na classe dos numerais (...), é o plural a concordância habitual do substantivo com zero: ninguém está zero grau, mas sim estão zero graus. Daqui que o normal seja dizer zero gramas vírgula trinta e cinco ou, se houver motivo, zero vírgula trinta e cinco gramas, zero vírgula um litros, etc.»

EM RESUMO

1 — Está provado que as regras de nomenclatura internacionais não recomendam que os nomes das unidades sejam escritos invariavelmente no singular.

2 — É incorrecto, disparatado e inútil escrever-se (ou dizer-se) «dois litro» (2 L), «cinco metro» (5 m), «duas mole» (2 mol) por não respeitar as regras de concordância.

A **Teoria do dois litro** é uma extrapolação que não se justifica minimamente (a «justificação-novidade» de que 4 m significa quatro vezes a unidade metro é equivalente a ensinarem-nos que 4 m significa quatro vezes a unidade metro é equivalente a ensinarem-nos que 4 m significa metro + metro + metro + metro!).

Admira-me até que não queiram que passemos a escrever quilograma com k!

3 — No caso de grandezas expressas por números decimais, a concordância deve fazer-se com o número inteiro (incluído o zero): «um litro vírgula cinco» ou «um vírgula cinco litros» (1,5 L), «duas moles vírgula uma» ou «duas vírgula uma moles» (2,1 mol) «zero quilogramas vírgula um» ou «zero vírgula um quilograma» (0,1 kg) e «zero quilogramas vírgula quatro» ou «zero vírgula quatro quilogramas» (0,4 kg).

* Grupo de Química da Faculdade de Ciências do Porto